

EXPERIÊNCIA COM LSD: O RELATO DE PAULO MENDES CAMPOS

FERNANDA VIVACQUA DE SOUZA GALVÃO BOARIN*

ALEXANDRE GRAÇA FARIA**

RESUMO

O presente artigo apresenta uma leitura do relato *Experiência com LSD*, do poeta, cronista e tradutor brasileiro Paulo Mendes Campos, escrito originalmente em 1962. Para tanto, recorre-se às relações dialógicas encontradas no texto, a exemplo de *As portas da percepção: e céu e inferno* (1954), de Aldous Huxley, tendo como objetivo compreender não apenas as formulações de Campos sobre a experiência lisérgica e o estar no mundo sob seu efeito, como também como o seu relato se insere e marca uma nova voz sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: experiência lisérgica; relato; dialogismo.

Não é incomum, em nossa experiência leitora, nos depararmos com referências às mais diferentes substâncias psicoativas¹, seja de forma quase imperceptível, ou com grande centralidade. É provável, dessa forma, que muitos não se lembrem que as caravelas descritas por Thomas More (1478-1535), em *Utopia*² ([1516] 2004), eram feitas de cânhamo, o que

* Mestranda em Letras – Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: fernandavivacqua@gmail.com

** Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: alexgfaria@gmail.com

¹ O termo *psicoativos*, como demonstra Zaluar (2011), se tornou um consenso entre estudiosos do tema, ou seja, estudos relacionados a substâncias, plantas, compostos e preparos responsáveis por alterar a consciência e produzir efeitos no sistema nervoso do sujeito. Também, como lembra Fiore (2013), essa terminologia busca evitar o equívoco de confundir os fenômenos de alteração da consciência sistêmica e voluntária com o recente, historicamente falando, processo de criminalização de algumas dessas substâncias.

² “Mais adiante encontraram barcos, cujas quilhas terminavam em pontas, e as velas eram de cânhamo [...]” (MORE, 2004, p. 8).

revela também um fato histórico – muitas potências europeias investiam, no período da colonização ultramarina, em companhias de fios feitos a partir da *Cannabis*³. Mas, igualmente, podemos supor que muitos saibam que autores como Charles Baudelaire e Walter Benjamin se dedicaram a escrever sobre o haxixe, sendo *Paraísos artificiais* ([1860] 1988) e *Sobre o haxixe e outras drogas* ([1932] 2015) obras amplamente difundidas. Com isso, queremos dizer que, antes de ser nova, essa relação, entre literatura e *drogas*, tem se mostrado, cada vez mais, como um grande caleidoscópio de possibilidades estéticas e culturais.

Diante desse quadro, há várias formas de se lidar com a temática, sendo uma delas a leitura dos relatos⁴ de escritores sobre suas experiências psicoativas (WILLER, 2015), dentre os quais as duas últimas obras, acima citadas, são exemplos. O número de textos pertencentes a esse gênero se avolumam a partir do século XIX, dialogando, e discordando, dos discursos produzidos por seus pares e em outros campos do conhecimento. Esse fato é corroborado por um crescente interesse pelos psicoativos, por parte das mais diversas áreas de estudo, das ciências naturais às ciências humanas e das ciências sociais às artes, o que gerou um fluxo intenso de diálogos (LABATE; CARNEIRO; GOULART, 2005). Entretanto, como aponta Carneiro (2005), com o surgimento da política de guerra às drogas, instaurou-se uma perseguição farmacológica, que teve – e tem – como desdobramento, entre outros, o fim dos financiamentos a determinadas pesquisas sobre o tema e a censura em torno dos textos, inclusive os poéticos, que tratassem do mesmo de forma explícita. Longe de afastar as pessoas das substâncias, ou dissuadi-las de escrever sobre isso,

³ No Brasil, se criou, em 1783, a Real Feitoria do Linho Cânhamo, na atual cidade de Pelotas, mas essa enfrentou muitas dificuldades e, em 1824, encerrou suas atividades (FRANÇA, 2015).

⁴ As outras formas de se estudar a relação entre os psicoativos e a literatura, propostas por Willer (2015) são: o levantamento de quais substâncias foram utilizadas pelos autores; as falas públicas sobre as questões próprias desse universo, sendo muitas delas recentemente sobre a política proibicionista; as produções poéticas sob efeito de determinada substância; e as poéticas que se constroem em diálogo com essa temática, mas que a produção não se dá com o estado alterado de consciência.

o proibicionismo tornou-se uma tópica a mais no espectro quase infinito dessa relação, sempre em movimento.

Por conseguinte, pode parecer muito distante, historicamente, um contexto em que fosse possível discutir de forma aberta os efeitos de substâncias hoje tidas como ilícitas. Mas não é. Em relação a isso, o relato *Experiência com LSD* (1984), do poeta, cronista e tradutor brasileiro Paulo Mendes Campos é representativo e, por motivos que, esperamos, ficarão claros ao longo do presente texto, singular. O relato, publicado primeiro no livro *O colunista do morro*, em 1965, e, posteriormente, em *Trinca de Copas*⁵, em 1984, foi um desdobramento de uma série de artigos de sua autoria, publicados na coluna assinada por Campos na revista *Manchete*, entre setembro e novembro de 1962⁶. Os artigos, assim como o relato, tal qual expresso no título, abordam a sua experiência com o ácido lisérgico e, mais que isso, como, através dela, é possível se pensar em uma outra forma de se estar no mundo.

Ainda, é importante ressaltar que, para além do interesse que o relato atrai, pela ampla circulação dos artigos em uma grande revista, o mesmo figura como o primeiro no Brasil sobre LSD, atestando sua originalidade. Além do caráter inaugural, *Experiência com LSD* se insere diretamente em um diálogo que se estende para além das fronteiras nacionais, ao estabelecer como principal interlocutor o autor inglês Aldous Huxley, e *As portas da percepção: e céu e inferno* ([1954] 2015), no qual são narradas suas experiências com a mescalina e as percepções dela derivadas. Essa conversa entre as obras, entretanto, não significa, na nossa compreensão, que devamos ler o texto de Campos apenas como uma derivação do de Huxley. Pelo contrário, a centralidade da experiência, como instância legitimadora, nos faz buscar, antes, aquilo de novo, de dissonante, uma vez

⁵ Edição que utilizamos.

⁶ O primeiro artigo foi publicado na edição de número 543 da revista *Manchete*, de 15 de setembro de 1962, e o último data de 03 de novembro do mesmo ano, na edição de número 550. Os textos estão disponíveis na íntegra, em microfílm, no acervo da Biblioteca Nacional (RJ). As informações aqui apresentadas foram obtidas após pesquisa na mesma, em agosto de 2017.

que a experiência psicoativa, e também a poética, antes de ser homogênea, ganha vida na pluralidade e nas infinitas possibilidades.

Tendo esses elementos em vista, apresentamos uma leitura de *Experiência com LSD* buscando as marcas que não apenas o inserem em uma teia discursiva, como também aquelas que atestam a sua originalidade. Para tanto, focaremos, em um primeiro momento, no diálogo estabelecido com o relato de Huxley (2015), e, especificamente, na discordância encontrada entre os textos. Em seguida, passaremos a outros desdobramentos possíveis, trazendo ao debate outros interlocutores, com a finalidade de localizar a polêmica explicitada anteriormente e sobretudo de entender como o texto se afirma como uma nova voz nesse espaço discursivo, em torno dessa temática.

EXPERIÊNCIA COM LSD E AS PORTAS DA PERCEPÇÃO: E CÉU E INFERNO; UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL

As substâncias psicoativas possuem propriedades químicas e efeitos distintos. Tendo isso em vista, aquelas com características próximas são reunidas em grupos, um deles é composto pelos lisérgicos, marcados pela baixa toxicidade e pelos poucos efeitos fisiológicos, sendo os principais a dilatação da pupila e a taquicardia. Conhecidos como “psicodélicos” ou “alucinógenos”, por agirem principalmente na psique humana, gerando visões, os lisérgicos são, em resumo: “o LSD, a mescalina, a psilocibina, a DMT e também as anfetaminas psicodélicas como o MDMA, das quais existem ao menos algumas centenas análogas” (CARNEIRO, 2005, p. 58). Logo, apesar de Paulo Mendes Campos e Aldous Huxley não terem feito o uso da mesma substância, elas possuem características próximas, fazendo com que seus relatos se integrassem essa rede *lisérgica* que surgia na metade do século passado.

Dizemos rede *lisérgica* ao nos referirmos a todo um novo campo de estudos e discursos que surgiu a partir dos anos 1950 sobre tais usos. Isso é, em 1943, o LSD-25 foi sintetizado pelo químico Albert Hoffman e, a partir da década seguinte, seu uso se multiplicou, o que coincidiu

com o interesse por lisérgicos tradicionalmente usados por sociedades indígenas, até chegar a ter o destaque recebido em diversas expressões contraculturais. Dentre os nomes responsáveis pela difusão da experiência lisérgica se destaca o de Huxley. A grande repercussão de *As portas da percepção: e céu e inferno*, como lembra Carneiro (2005), fez com que muitos fossem apresentados aos lisérgicos. Huxley (2015), em seu relato, por sua vez, afirma já ter lido estudos sobre a substância antes de utilizá-la, mas ressalta que o seu interesse se deveu, também, a saber que a mesma era encontrada em um cacto – o peiote – usado pelos índios do Sudoeste dos Estados Unidos. Assim, Huxley afirma que, enquanto para a ciência a mescalina se tratava de uma descoberta, ela era para ele “um amigo de longuíssima data. Aliás, bem mais que um amigo. [...] eles ingerem uma raiz que chamam de peiote e veneram-na como se fosse uma divindade” (HUXLEY, 2015, p. 9).

Mas o conhecimento da existência de usos xamânicos não significou que sua própria vivência tenha se dado nesse contexto. Pelo contrário, é narrado em *As portas da percepção: e céu e inferno* como a primeira vez que o autor ingeriu a mescalina foi em um experimento científico, do qual participou voluntariamente como “cobaia”. De maneira semelhante se deu a primeira experiência de Paulo Mendes Campos com LSD, em um apartamento na rua General Glicério, na cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele não tenha se predisposto a ser parte de uma pesquisa, em termos estritos, a ingestão das “três bolinhas coloridas” se deu sob a supervisão do seu médico e amigo, Murilo Pereira Gomes (CAMPOS, 1984, p. 11). Talvez o fato de ter que escrever para uma revista sobre o que se passaria nesta experiência tenha influenciado a sua escolha – estar acompanhado de um médico, um especialista. Acreditamos, contudo, que a similaridade entre a escolha de Campos e a de Huxley não é somente coincidência; isso é, há um diálogo explícito entre os relatos dos autores.

Diálogo esse que se dá na correlação entre escolhas, como a acima citada, mas também nas tópicas que percorrem os textos, como as alterações na forma de apreender o tempo e o sentimento de inocência ou pureza. Em outras passagens de *Experiência com LSD*, ainda há a referência

explícita a *As portas da percepção: e céu e inferno*, a começar pela própria motivação para experimentar o ácido lisérgico, que se deve à leitura (como o caso de muitos) do mesmo:

O desconhecimento da mescalina era total. Obrigando-me ao silêncio até há poucos anos, quando li *The doors of perception* de Aldous Huxley. Dessa vez, com sensacionalismo, o mundo científico e cultural entrou em contato com a mescalina, tendo sido preciso para isso que um grande escritor de grande sedução intelectual experimentasse a droga e transcrevesse suas vivências.

Li com muita curiosidade o livro de Huxley há alguns anos e o reli há poucos dias, antes de realizar a minha própria experiência. Os pontos que chamaram mais a atenção nas duas leituras são sensivelmente diversos: também nós fazemos parte do texto, e este pode transformar-se à medida que nos transformamos (CAMPOS, 1984, p.12).

Na passagem acima, Campos fala sobre o seu silêncio sobre a mescalina, pois relata, logo anteriormente, como, aos vinte anos, quando então trabalhava em uma biblioteca de medicina, teria descoberto a substância. Mas um tratado médico não surtiria o efeito – nem nele, nem em muitos – que, anos depois, “o mundo científico e cultural” sentiria ao ler as impressões e apontamentos de um escritor de destaque. Seguindo o excerto de Campos (1984), é pela leitura que surge o seu interesse, e é propriamente ela que antecede a sua experiência – leitura essa, como explicitado pelo autor, que se altera ao passo que o sujeito, o leitor, também se modifica. Por um lado, essa passagem corrobora o dito por Carneiro (2005), sobre a importância de Huxley na difusão de uma cultura lisérgica. Com isso, não é incomum ler ou ouvir adeptos da lisergia usando a metáfora “abrir as portas da percepção” para descrever suas sensações, por exemplo. Por outro, esse processo parece insuficiente para descrever o diálogo estabelecido entre os relatos aqui trazidos. Isso é, mais do que a possibilidade de uma conversa entre os textos, por tratarem do mesmo tema, *As portas da percepção: e céu e inferno* parece mobilizar o texto de Campos (1984) ao propor questões e caminhos interpretativos

diante à experiência lisérgica. Essa afirmativa não significa, contudo, que haja um *pastiche* ou algo semelhante, nem mesmo a intenção de legitimar a voz do outro como autoridade. Pelo contrário, o que se percebe é a polifonia presente em *Experiência com LSD*, ou seja, tal qual colocado por Bakhtin, o texto não é a expressão de uma voz unívoca, mas, antes, um emaranhado de vozes, de discursos, tecendo diálogos mais ou menos visíveis ao leitor (BAKHTIN, 2003; FIORIN, 2005; NITRINI, 2015). Dizer isso, entretanto, tampouco explica a forma de diálogo aqui em foco.

Fiorin (2005), ao distinguir a interdiscursividade da intertextualidade, voltando, para isso, à obra de Bakhtin, destaca que o termo “intertextual” não existe na obra bakhtiniana, mas sim uma série de termos próximos – como polifonia e dialogismo –, o que expõe a complexidade da questão. Apesar disso, o termo “intertextualidade” foi amplamente difundido no Ocidente a partir das publicações da semiótica Julia Kristeva (FIORIN, 2005; NITRINI, 2015), alterando, inclusive, a própria noção de texto. Isso é, a “intertextualidade” não se limita a uma característica passível de ser encontrada ou não. Antes, é pela própria intertextualidade que o texto se constrói, uma vez que é pelo dialogismo que a linguagem ganha vida: “a noção de intertextualidade como procedimento real de constituição do texto” (FIORIN, 2005, p. 163). Partindo dessa premissa, cabe compreender como, dentro dessa forma constitutiva da linguagem, podem operar tais diálogos e, para tanto, Fiorin (2005) destaca a distinção entre a interdiscursividade e a intertextualidade.

O autor (FIORIN, 2005) lembra que, na obra de Bakhtin (2003), o termo *texto* aponta para uma materialidade, um todo de sentido, sendo a obra seu acabamento. Diferentemente do enunciado, que é marcado pela intenção de sentido, o texto é a sua própria manifestação, sendo uma “entidade em si”. Além disso, o próprio discurso se apresenta como uma abstração, capaz de se apresentar como algo singular, mas, em si, dialógico, sendo o enunciado constitutivo deste. Ou seja, pelo dialogismo ser parte constitutiva da linguagem, toda e qualquer relação de sentido capaz de ser encontrada em um texto é da ordem do interdiscurso, sendo

a intertextualidade a relação entre *textos*, entre materialidades acabadas, entre duas “entidades de sentido”. Por conseguinte, concordando com Carneiro (2005), e com o próprio Campos (1984), não é difícil supor que *As portas da percepção: e céu e inferno*, pelo alcance que teve e tem, estabeleceu diversas relações interdiscursivas.

Em *Experiência com LSD* o que há, por outro lado, é um diálogo entre textos, “entidades acabadas”, permitindo, assim, uma leitura intertextual do relato do poeta brasileiro. E, como dito, podemos encontrar tal relação de duas formas, através de uma referência explícita, e também por se remeter, ainda que não o diga abertamente, a diversas questões próprias da outra obra. A seguir, seguem alguns excertos onde tal intertextualidade fica clara:

Aldous Huxley, advertindo que a reação individual, aqui como em tudo o mais, sempre é de rara importância, faz uma súmula possível dos sintomas gerais de todas as pessoas que ingerem mescalina [...]
[...]

Quando indagaram de Aldous Huxley a respeito, respondeu ele que havia fartura de tempo, *plenty of it*. Essa resposta me parece corresponder perfeitamente à minha impressão de que, sob o efeito do ácido lisérgico, o tempo não está interessado em nós e portanto não podemos nós estar interessados nele (CAMPOS, 1984, p. 12-14).

Nas passagens acima, há duas referências ao texto de Huxley. A primeira se encontra logo no início do relato de Campos (1984), quando o mesmo lista os principais efeitos da mescalina descritos em *As portas da percepção: e céu e inferno*. Esse parágrafo não parece, contudo, ter como objetivo informar o leitor do que pode ser encontrado em outra obra. Ao olharmos para o parágrafo que antecede e o que sucede este, percebemos que, antes, as conclusões de Huxley se apresentam como um horizonte de expectativas que precede a própria experiência lisérgica de Campos. Ou melhor: logo anteriormente, o autor afirma que, fisiologicamente, o ácido lisérgico e a mescalina produziram o mesmo efeito, o que permite que o diálogo entre os efeitos descritos seja feito. A passagem que segue

o parágrafo no qual extraímos a citação também corrobora essa leitura, uma vez que, nela, Campos retoma a narrativa do dia em que ingeriu LSD, mais precisamente no momento em que aguardava para tomar os comprimidos, “aguardava com um máximo de curiosidade mas sem a menor ansiedade” (CAMPOS, 1984, p. 12). Podemos pensar, então, que toda essa curiosidade não se dava no vazio, mas a partir de uma outra experiência sua, a de leitor de *As portas da percepção: e céu e inferno*.

A outra passagem citada, acerca da sensação em relação ao tempo, é ainda mais reveladora da intertextualidade entre os relatos, pelo autor brasileiro endossar claramente a descrição de Huxley, mas, sobretudo, pela centralidade que esta tópica assume em ambos os textos. Em *Experiência com LSD*, o “sentimento do tempo” (CAMPOS, 1984, p. 13) não é apenas um desdobramento próprio da alteração de consciência, mas uma mudança paradigmática – tal qual para Huxley – que permite o deslocamento de perspectiva do sujeito sob efeito lisérgico. Isso é, para Campos (1984), a experiência lisérgica traria uma relação com o tempo distinta daquela característica da vida moderna. Logo, se, na vivência ordinária, sem os psicodélicos, as pessoas calculam e cronometram seus dias em números de horas, em um processo acelerado e ansioso, o mesmo não acontece após a ingestão do LSD. Pelo contrário, é narrada a perda de interesse pelo tempo, que simplesmente não passa a importar, sobressaindo, antes, outros aspectos que constituem a experiência de se estar no mundo, como o aspecto cromático dos objetos e outras sensações, tal qual a intensidade apreendida pela luz percebida nos objetos.

Ademais, ao descrever as sensações, também encontramos um diálogo com *As portas da percepção: e céu e inferno*, ainda que não explícito, inclusive com a adoção de termos, se não iguais, muito semelhantes. Exemplo disso é a mudança na relação com os objetos e o entorno em geral. O cronista apresenta um mundo cromático, sob efeito lisérgico, no qual os objetos seriam “vivos, internamente vivos” (CAMPOS, 1984, p.13, grifo do autor), e as relações travadas entre o sujeito e o entorno seriam medidas pela intensidade, e não mais por antigos parâmetros, como o tempo dispensado naquela relação. Essa parte do relato em tudo se parece

com os efeitos descritos por Huxley (2015), ao dizer que, alterada sua consciência, se engajava em uma outra forma de contemplação, como a de um vaso de flores, com sua “luz viva” (HUXLEY, 2015, p. 17). Portanto, mesmo sem citar, como em outros momentos, ao percorrer as mesmas questões, enumeradas anteriormente, o poeta brasileiro parece experimentar a substância, mas também sugere que, ao fazê-lo, busca contrastar aquilo que teria vivido e o que teria lido, as duas experiências em diálogo, gerando um texto outro, outras possibilidades discursivas em torno das substâncias lisérgicas.

Dizemos outras possibilidades por entendermos que o diálogo intertextual, e a polifonia daí apreendida, não se postula como uma estratégia para hierarquizar influências. Pelo contrário, a intertextualidade pressupõe uma troca discursiva que seja capaz de desestabilizar lugares de autoridade ocupados por outros textos, como podemos perceber através, por exemplo, do uso da paródia. Logo, não é nosso interesse apenas demonstrar as similaridades entre os relatos, e tampouco parece ser a de Campos (1984), posto que o próprio, da mesma forma que explicita os acordos, deixa claro a divergência existente entre suas considerações e as de Huxley:

Não chego, como Aldous Huxley, a achar que a mesalina deva ser facilitada à deprimida sociedade moderna, substituindo outras formas de evasão. Dentro das limitações que eu mesmo imponho a essa ideia, não vejo bem o caráter de evasão no ácido lisérgico, mas uma concentração de realidade, o antônimo da evasão, pelo menos uma concentração em certos aspectos da realidade (CAMPOS, 1984, p.17).

Consideramos a passagem acima central para a construção do relato de Campos (1984), tendo em vista que o autor expressa ter como intenção tanto descrever o conjunto de sensações experimentadas como elaborar um pensamento sobre elas. Esta formulação, por sua vez, não seria uma forma de validar um ponto de vista sobre as substâncias lisérgicas; pelo contrário, nas palavras do autor: “não significa que dê a elas outro valor além da possibilidade” (CAMPOS, 1984, p. 15). Logo, dizer que a divergência

apresentada seja central para a construção de sentido do relato de Campos não implica a adesão a uma ou a outra visão, mas sim a existência de uma outra voz, outra possibilidade. Partindo dessa premissa, entendemos que a passagem acima é fulcral porque demonstra a singularidade de Campos, ao repositonar a relação da experiência lisérgica e o *estar no mundo*⁷.

Campos (1984), refere-se, no início do excerto, a uma parte de *As portas da percepção: e céu e inferno*, em que Huxley questiona a política proibicionista, ao manter como substâncias legais apenas o álcool e o tabaco. O autor argumenta que essas substâncias trazem malefícios comprovados, como acidentes automobilísticos causados por motoristas embriagados e câncer de pulmão provocado pelo cigarro, em detrimento de outras substâncias menos nocivas, como a mescalina. E, ainda, que as pessoas sempre buscariam “portas químicas na muralha” (HUXLEY, 2015, p. 52), formas de alterar a consciência e abrir as portas da percepção. É nesse contexto que ele fala sobre facilitar a mescalina “à deprimida sociedade moderna” (CAMPOS, 1984, p. 17), o que acaba se revelando uma crítica ainda atual – frente à persistência da política de guerra às drogas. Mas, apesar de Campos tampouco concordar com essa afirmativa, ela não é o elemento central da polêmica; este, por sua vez, pode ser entendido como a possibilidade de evasão do mundo, da realidade, a partir da alteração de consciência sob efeito lisérgico.

Ressaltamos, ainda, que os relatos aqui abordados não coincidem apenas nas sensações descritas, como já dito, mas também na capacidade de deslocamento por estas provocado. Isso é, em *Experiência com LSD*, há uma seção dedicada a discutir como a alteração de consciência provocou, no autor, a abertura das comportas do inconsciente. Campos (1984) constrói a imagem do inconsciente como um açude velho, com as águas represadas e, portanto, paradas, apodrecidas. As comportas, ademais, estariam seladas por um ferro enferrujado e, por isso, o ser humano não

⁷ A própria expressão *estar no mundo*, apesar de muito presente no relato de Campos (1984), não parece ganhar os contornos rígidos de um conceito, se colocando, antes, como uma ideia (possibilidade) a ser desenvolvida.

poderia abri-las sem uma ferramenta externa, como o LSD (CAMPOS, 1984). Essa metáfora em muito se assemelha à ideia de portas da percepção de Huxley (2015), que entende nosso acesso ao inconsciente, às antípodas mentais, como restrito por válvulas regulatórias, desobstruídas pela mescalina⁸. Logo, a discordância centra-se em como o sujeito, sob efeito lisérgico, ou seja, com um outro acesso ao inconsciente – mais direto e intenso – *está no mundo*.

Huxley (2015) entende que, mesmo sendo menos danosa que outras, a mescalina faz com que as pessoas se desinteressem pelo mundo, ao se desconectarem, por exemplo, da temporalidade estabelecida nas cidades, o que também traria problemas. Campos (1984) discorda justamente disso, ao dizer que os lisérgicos não produziram tal evasão, e sim uma “concentração na realidade” (p. 17), mesmo que orientado por outras formas de se relacionar com esta, como através da intensidade que as coisas emanam. Pelo contrário, a experiência lisérgica para o poeta brasileiro é capaz de alterar e qualificar a forma de se *estar no mundo*, mesmo passado os efeitos, por essa produzir um outro paradigma, menos ansioso e mais saudável:

Essa lição direta da experiência foi nítida: o mundo, mesmo nesta cidade do Rio de Janeiro, pode ser silencioso. Isso depende de cada um de nós. Não existem ruídos lancinantes; nós é que modelamos o sentido da audição à imagem de nossa instabilidade nervosa. Nós é que somos lancinantes (CAMPOS, 1984, p. 27).

Dessa maneira, a dissonância produzida entre o sujeito, que teria passado pela experiência lisérgica, e os demais é entendida a partir de uma valoração diametralmente oposta, sendo o problema – o ruído – próprio do sujeito, que projetaria suas oscilações e inconstâncias no mundo.

⁸ Huxley admite que, sob determinadas escolhas estilísticas, a obra de arte também é uma porta que dá acesso ao inconsciente (HUXLEY, 2015). Campos, em contrapartida, não demonstra nenhum interesse pelas obras que vê sob efeito lisérgico e expõe a falta de vontade de escrever, ou mesmo de formular pensamentos complexos, a partir da recepção destas (CAMPOS, 1984).

Mudar o mundo, nesse sentido, ou melhor, mudar a forma de se *estar no mundo*, seria algo que se daria na dimensão do indivíduo. Essa divergência pode parecer sutil, mas não é, se pensarmos como ler a experiência como uma evasão ou uma concentração na realidade apontam para sentidos bem distantes. Com isso, além de produzir uma outra leitura da experiência lisérgica, atribuindo um outro sentido possível a mesma, uma outra possibilidade, Campos (1984) produz um outro olhar sobre o texto de Huxley (2015), através dessa inflexão, trazendo à tona outras questões e possibilidades de leitura dessa obra, que se configurou como um cânone inequívoco sobre a experiência lisérgica (CARNEIRO, 2005).

TECENDO OUTROS DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Voltando à formulação de Fiorin (2005) sobre intertextualidade e interdiscursividade, pelo dialogismo ser constitutivo da linguagem, podemos propor outros diálogos, com discursos que também perpassam o debate trazido por Campos (1984); ou seja, podemos tecer outros interdiscursos possíveis, para além da intertextualidade com o relato de Huxley (2015). Mas se, por um lado, como leitores, somos potencialmente atraídos a buscar diálogos interdiscursivos em torno estritamente da cultura lisérgica, por outro, a discordância acima explicitada nos faz escolher seguir os rastros da discussão acerca da experiência psicoativa, no geral, e a sua relação com o inconsciente. Este não deixou de ter lugar e relevância na modernidade, desde seu início. Pelo contrário, se afirmou, sobretudo no século XX, enquanto espaço autônomo e, por isso, com um *modus operandi* próprio. Sobre esse processo, as pesquisas de Freud e o desenvolvimento da psicanálise foram fulcrais, não apenas pelos estudos detalhados sobre o inconsciente e seus processos, como por instituir um campo de estudo para esse novo espaço, que, após a Primeira Guerra Mundial e o surgimento do fordismo, ganhava uma outra centralidade, ainda que ancorada na racionalidade externa (HARVEY, 2008).

Os escritos de Freud trazem uma grande contribuição para se pensar no papel do inconsciente na constituição do indivíduo e da sociedade. Isso é, para além de elementos importantes da formulação sobre o indivíduo – como a tríade *ego*, *superego* e *id* –, Freud teria se debruçado sobre como, partindo do olhar para o inconsciente, se poderiam atribuir outros sentidos para as relações sociais. Dentre estes elementos, estão os que conceituam o princípio do prazer e o princípio da realidade (FREUD, 2010; MARCUSE, 1981), tidos como dois paradigmas fundantes das relações sociais, ao constituírem a economia libidinal própria de cada sociedade – correlacionando o prazer, o impulso erótico e vital, e a cultura, que pressupõe a repressão desse prazer e seu adiamento, em função da vida em sociedade, se configurando, assim, o princípio da realidade. Nosso interesse, ao apresentar muito brevemente, esses apontamentos sobre o pensamento de Freud, é demonstrar como a polêmica introduzida por Campos (1984) pode se relacionar com uma teia discursiva muito mais ampla, em torno do papel do inconsciente na sociedade. E, ao dizermos, anteriormente, que a centralidade dada ao inconsciente na modernidade não fez com que ele deixasse de estar subordinado a uma racionalidade externa (HARVEY, 2008), acreditamos ir no mesmo sentido.

Explicamos melhor. Tanto Campos (1984) quanto Huxley (2015) concordam que, sob efeito lisérgico, o inconsciente passa a alterar a forma do sujeito *estar no mundo* – abertas as comportas do inconsciente, as portas da percepção – mas discordam sobre como isso deve ser entendido dentro das dinâmicas sociais. Dizer que o estado de consciência alterado é uma forma de evasão (HUXLEY, 2015), nesse sentido, é considerar o mundo “externo”, com sua racionalidade e sensações, como o parâmetro, não sendo conferida a possibilidade de alterá-lo, algo que Campos (1984) entende de forma oposta, ao centrar as mudanças na dimensão individual. O debate não parece, contudo, novo, nem restrito à experiência psicoativa. Por isso, acreditamos que o discurso de Huxley se coaduna ao de Freud (2010), ao pensar no inconsciente como parte de uma economia libidinal, que deve ser explorada, mas que não ameaça a racionalidade e o ritmo – a temporalidade – da vida moderna.

Propormos uma leitura interdiscursiva entre os autores, aqui, serve como movimento para apontar o dialogismo que Campos (1984) trava com esse discurso presente em diferentes obras. Ou seja, ao contrapor-se à visão de *As portas da percepção: e céu e inferno*, o poeta brasileiro produz uma inflexão não apenas no texto, essa outra materialidade acabada, com o qual dialoga, como também com um campo discursivo acerca do inconsciente. Ainda, escolher demonstrar esses elementos no discurso de Freud, dada sua relevância para as elaborações sobre a temática, acreditamos, explicita como essa questão não foi marginal no século XX, mobilizando experiências e áreas de conhecimento diversas. As homologias com o discurso do psicanalista, ademais, estão longe de serem genéricas. Freud, em *O mal-estar na cultura* (2010), entende tanto a experiência psicoativa quanto a estética como formas de se alcançar a felicidade e o prazer, ainda que transitoriamente. A essas, porém, seria atribuída uma valoração oposta: a arte seria uma “satisfação substitutiva” de grande alcance e poucos perigos, uma vez que passageira. Já a experiência psicoativa traria riscos, apesar de ser descrita como algo que “nos proporciona sensações imediatas de prazer” (FREUD, 2010, p. 67), é vista como “mórbida” e análoga a uma patologia.

Uma visão muito próxima àquela que Campos (1984) discorda, ao formular sobre as potencialidades da experiência lisérgica. Essa, pelo contrário, seria sim capaz de mudar o mundo racionalizado, ao promover um deslocamento de perspectiva no sujeito que se mantém, passados os efeitos. A obra de arte, por sua vez, não só não parece produzir o mesmo efeito, como também teria seu lugar redimensionado, ao sobressaírem outras características. O autor relata esse processo ao narrar como, ao folhear um catálogo de artes plásticas, teria se interessado pelas cores vibrantes das imagens, mas a autoria, o período e a escola na qual poderiam ser enquadrados não teriam sido sequer pensados (CAMPOS, 1984). E tais mudanças – seja acerca da recepção da obra de arte, na relação com o tempo e a cidade, ou mesmo na convivência com o outro – produziriam uma interação mais qualificada no mundo e um sujeito menos ansioso e lancinante.

Campos (1984), ademais, não se aproxima de nenhum campo semântico pejorativo para descrever as sensações e visões tidas, usando termos como “mórbido” (FREUD, 2010, p. 67) ou mesmo a “evasão” de Huxley. O problemático, logo, não é o sujeito sob efeito lisérgico, mas a sociedade moderna, deprimida e neurótica, e, se o mundo é a expressão do próprio indivíduo, seu deslocamento se transforma, em si, em uma mudança social (CAMPOS, 1984). Abertas as comportas do inconsciente, todo o indivíduo seria inundado, qualificando, com isso, sua forma de estar no mundo. E é justamente tal possibilidade de mudança que parece inviável nos discursos de Huxley e, sobretudo, de Freud. Como lembra Marcuse (1981), para o psicanalista, uma economia libidinal que restringisse o alcance do prazer e do inconsciente, sendo este último o lugar por excelência em que o prazer imperaria, seria incompatível com a vida em sociedade, por essa exigir uma renúncia e um adiamento da felicidade individual. Marcuse (1981), entretanto, em diálogo com o autor, vislumbra uma possibilidade de mudança em tal relação entre o princípio do prazer e a realidade, através de uma reabilitação do primeiro. Mas, para isso, seria necessária uma revolução social, capaz de suprimir as repressões próprias do mundo do trabalho e da economia capitalista.

Essa ideia tampouco está isolada na teia discursiva acerca do inconsciente e mesmo da experiência psicoativa, como pode ser visto no Surrealismo, movimento de vanguarda que se debruçou sobremaneira sobre a potência do inconsciente e o processo criativo. Benjamin (1994), ao escrever sobre os surrealistas e as suas práticas de acesso ao inconsciente – como o uso de psicoativos, mas também a hipnose e a meditação – ressalta essas como meios para se chegar ao verdadeiro objetivo, a “iluminação profana”. Tal estado, de iluminação, seria o importante para o artista, e não o meio de acesso escolhido. Além disso, a dimensão do indivíduo, iluminado, seria insuficiente, sendo necessário que essa se coadune a um projeto de emancipação do sujeito, uma revolução social. Logo, tanto Marcuse (1981) quanto à leitura de Benjamin (1994) apontam para uma outra voz nessa teia discursiva, que propõe um outro lugar do inconsciente e da experiência psicoativa, mas que ainda se

postula no porvir, dependente de uma mudança, primeiro, na realidade externa, material. Essa não é a visão de Campos (1984), que inverte essa correlação, ao colocar a mudança do mundo material como extensão do deslocamento do sujeito; a revolução não é considerada uma possibilidade porque sequer parece uma necessidade.

Sabemos que a leitura de *Experiência com LSD* é incapaz de nos fazer depreender uma visão do autor sobre questões tão importantes para o século XX, como a revolução social. Nosso objetivo, ao trazer mais essas vozes, portanto, é demonstrar como se constitui um campo discursivo complexo e plural, polifônico, em torno da questão dos psicoativos e de outras que tangenciam esta, como o processo criativo sob efeito lisérgico, a percepção do tempo e a vida moderna. E, também, como, imerso nesse caleidoscópio, podemos pensar no relato de Campos (1984) como uma outra voz, que gera possibilidades de leitura dos textos, do seu, e dos colocados em diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do presente artigo, dizíamos como são inúmeros os textos que tocam de alguma forma na questão dos psicoativos, e, também, da relação desses com a literatura. Ainda, falávamos como diversos escritores se dedicaram e se dedicam a esta temática de distintas maneiras, sendo uma delas a escrita de relatos, partindo de suas experiências. Essas experiências, porém, não são apenas com as substâncias. Isso é, a experiência leitora do autor sobre o assunto está igualmente presente. Ao apresentarmos uma leitura de *Experiência com LSD*, em grande medida, é isso que encontramos, através de um diálogo com *As portas da percepção: e céu e inferno*: a experiência com LSD que parte da experiência leitora. E mais, a alteração de consciência como uma outra forma de se *estar no mundo*, abrindo a possibilidade para uma outra leitura do entorno e da própria obra com a qual dialoga. Campos (1984) se apresenta, logo de início, enquanto leitor entusiasta do relato de Huxley (2015), atestando sua relevância; mas é através da ingestão do LSD, com seus deslocamentos, que produz

seu próprio texto. Essa outra voz, que questiona e subverte a interpretação da própria psicodelia, ao reposicionar o lugar do inconsciente.

Campos (1984), ao escrever o seu relato, parece atingir o seu objetivo, ou seja, não fazer apenas uma descrição dos efeitos lisérgicos, mas tirar conclusões dessa vivência. Conclusões que são possibilidades, um campo aberto, uma teia de fios múltiplos e infinitos. Uma intertextualidade que se constrói ao não existir uma filiação unívoca ao sentido do outro texto, e, tampouco, uma intenção de superar tal posição. Um relato que parece se ligar àqueles deixados no caminho – na teia discursiva sobre psicoativos – mas que faz questão de deixar outras pontas soltas, quase como se convidasse outras vozes, a produção de outros textos. Se olharmos de forma panorâmica, essa imagem também faz sentido. Ou não será por um processo semelhante que se constrói *Paraísos artificiais* (BAUDELAIRE, [1860] 1988), com Baudelaire se debruçando sobre o relato de Thomas De Quincey (1785-1859), em *Confissões de um comedor de ópio* ([1821] 2007), e na longa vivência deste autor com o ópio, dos prazeres à dependência química? E, ainda, entendendo a relevância interdiscursiva para se constituir um discurso sobre os psicoativos, não é difícil imaginar que a figura de De Quincey, através da leitura de seu relato, mas também do de Baudelaire, tenha povoado as mentes de muitos escritores interessados na questão. Imagem, aliás, próxima aos campos semânticos usados por Huxley (2015) e Freud (2010) para descrever a experiência psicoativa: o adoecimento e a loucura. E mais, um escritor com grandes visões, mas incapacitado de produzir, de atuar no mundo; o grande medo da evasão completa e da perda de si materializada em sua própria experiência, logo no início da modernidade.

Logo, quando buscamos elucidar esses diálogos com *Experiência com LSD*, seja o intertextual ou os interdiscursivos, o que pretendíamos era fazer uma leitura possível, tendo como finalidade compreender em que se dava a originalidade do relato de Campos (1984). Percebemos que, para além de ser inaugural no Brasil sobre o tema, o texto ganha força e relevância justamente ao, por um lado, dialogar com toda uma rede de textos sobre a temática e, por outro, produzir uma voz dissonante, voltando a antigas questões e introduzindo novas. Por fim, hoje, o relato abre

caminho para outros diálogos possíveis, posto os outros textos produzidos sobre a temática desde 1962. Desde todas as vozes que surgem a partir da contracultura, imersa na psicodelia – em que a visão da transformação social via indivíduo e saberes não tradicionais ganham mais força, em detrimento das narrativas globais, como a revolução social (ROSZAK, 1972), algo mais próximo ao proposto por Campos – até outros relatos, falas e obras brasileiras que se debrucem sobre a questão.

EXPERIENCE WITH LSD: THE STORY OF PAULO MENDES CAMPOS

ABSTRACT

The present article intends to present a reading of the experience with LSD, written by the Brazilian poet, chronicler and translator Paulo Mendes Campos, originally written in 1962. For this, he uses the dialogical relations found in the text, such as *The Doors of Perception*, of Aldous Huxley, with the aim of understanding not only the Campos' formulations about the lysergic experience and the being in the world under its effect, but also how his account is inserted and marks a new voice on the theme.

KEYWORDS: lysergic experience; story; dialogism.

EXPERIENCIA CON LSD: EL RELATO DE PAULO MENDES CAMPOS

RESUMEN

El presente artículo pretende presentar una lectura del relato *Experiencia con LSD*, del poeta, cronista y traductor brasileño Paulo Mendes Campos, escrito originalmente en 1962. Para esto, recurre a las relaciones dialógicas encontradas en el texto, a ejemplo de *Las puertas de la percepción*, de Aldous Huxley, teniendo como objetivo, a través de estas, comprender no sólo las formulaciones de Campos sobre la experiencia lisérgica y el estar en el mundo bajo su efecto, sino también como su relato se inserta y marca una nueva voz sobre la temática.

PALABRAS CLAVE: experiencia lisérgica; presentación de informes; dialogismo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. [1860]. *Paraísos artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho*. Porto Alegre: L&PM, 1988.
- BENJAMIN, Walter. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).
- _____. [1932]. Sobre o haxixe e outras drogas. In: _____. *Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.
- CAMPOS, Paulo Mendes. Experiência com LSD. In: _____. *Trinca de Copas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- CARNEIRO, Henrique. A odisséia psiconáutica: a história de um século e meio de pesquisas sobre plantas e substâncias psicoativas. In: LABATE, B.; GOULART, S. (Org.). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.
- DE QUINCEY, Thomas. [1821]. *Confissões de um comedor de ópio*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *História da maconha no Brasil*. São Paulo: Três estrelas, 2015.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- FIORE, Maurício. *Uso de drogas: substâncias, efeitos e eventos*. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.
- HUXLEY, Aldous. [1954]. *As portas da percepção: e céu e inferno*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015. [The doors of perception & heaven and hell]
- LABATE, B.; CARNEIRO, H.; GOULART, S. Introdução. In: LABATE, B.; GOULART, S. (Org.). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MORE, Thomas. [1516]. *Utopia*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; Instituto de Relações Internacionais, 2004.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

ROSZAK, T. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

ZALUAR, A. *Drogas além da biologia: a perspectiva sociológica*. 2011. Disponível em: <http://nupevi.iesp.uerj.br/artigos_periodicos/simposiodrogas.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2017.

WILLER, C. A criação poética e algumas drogas. In: ALMEIDA, F. Ásperos perfumes. Goiânia: Edições Ricochete, 2015.

Submetido em 31 de julho de 2018

Aceito em 10 de outubro de 2018

Publicado em 25 de janeiro de 2019
